

NARRATIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS COMO ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DA REGIÃO CACAUEIRA SUL-BAIANA¹

Mari Guimarães Sousa²
Moabe Breno Ferreira Costa³
Adailson Henrique Miranda de Oliveira⁴

RESUMO

A problemática cultural na sociedade atual é marcada pelas discussões que envolvem as questões identitárias dentro de um contexto globalizado. A inter-relação entre os estudos históricos, ditos oficiais, e os textos literários provenientes da Região do Cacau da Bahia, podem contribuir para o delineamento identitário local, sem perder de vista a re-conceitualização das noções de tempo e espaço. O texto se propõe a mapear as narrativas históricas e literárias, a fim de ressaltar as peculiaridades socioculturais capazes de identificar o universo *grapiúna*.

Palavras-chave: região, identidade cultural, narrativas identitárias

1. INTRODUÇÃO

Os textos que assinalam a “brasilidade” que identificam o Brasil, enquanto nação, podem ser considerados como um amalgamado de narrativas das diversas regiões que compõem o país. Nesse contexto, a Bahia apresenta um significado, onde o “ser baiano” pode ser inserido num tipo de gramática representacional da “brasilidade” como um todo - amplo imaginário coletivo em cujo âmbito caberia à Bahia o posto de ator especializado nas manifestações espontâneas e autênticas de uma espécie de lúdico-divino-profano e na quase consecutiva promoção da alegria em cores, altas temperaturas, celebrações e ritmos marcadamente mestiços.

Por certo, o texto identitário baiano, além de hegemônico, é reconhecido nacionalmente e internacionalmente. A “baianidade”, uma narrativa produzida tanto pelos próprios baianos quanto por outros autores se constitui numa inscrição que privilegia alguns aspectos de um passado africano. Nesse enredo, a “ambiência baiana”, especializada nas cores, nos cantos, nas danças e nas festas afro-descendentes, é representada como o *habitat* da concupiscência, o lugar muito mais propenso à alegria e à preguiça do que à tristeza ou ao trabalho. Existem várias versões textuais representativas da Bahia, algumas mais aprimoradas, fruto de pesquisas e estudos, outras mal elaboradas, em sua maioria, advindas do “pré-conceito”.

Apesar da “baianidade” ser uma narrativa bastante hegemônica, e traduzir uma cultura, um apelo consensual, aparentemente pertinente e provável, algumas tessituras mais sutis e menos propagadas podem ser identificadas na Bahia, sobretudo no Sul do Estado. Nesse território, a denominada “Região Cacaueira” possui uma narrativa identitária própria, centrada no expressivo e rico processo de mitificação do cacau e em uma tradição híbrida, mas que não é marcadamente afro.

A Região Cacaueira Sul-baiana tem logrado certo êxito com o texto da tropicalidade, da conjunção entre coqueirais e cacaueiros, praias e fazendas, quibes e carurus, índios, sírios-libaneses e “outros baianos”. Essa formulação, em processo, não está sendo desenvolvida de forma a viabilizar sua assimilação e promoção tanto pela mídia e setor turístico quanto pela própria região à qual nos referimos ou por outros territórios. Dessa constatação, uma questão se impõe: que indícios podem ser incluídos num proposto mapeamento dos termos pertinentes à produção de uma narrativa identitária dessa região?

O desvendamento dessa questão significa uma incursão em dois desdobramentos que consideramos fundamentais. O primeiro diz respeito aos processos históricos, compreendendo as questões políticas e socioeconômicas bem como as transformações ocorridas no processo de produção cultural da referida região. O segundo se refere aos aspectos artístico-literários presentes nas manifestações estéticas das imagens socioculturais, capazes de sinalizar os sentimentos, os pensamentos e as realizações da dinâmica regional.

Nesse sentido, cabe-nos identificar, na conjuntura histórica da Região Cacaueira Sul-baiana, os indicadores de ordem política, econômica e social que possam ser levantados para um possível mapeamento dos termos propícios à composição de um texto identitário. Para tanto, devemos reconhecer os processos históricos

¹ Trabalho apresentado e publicado no III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT, UFBA, maio de 2007, Salvador BA,

² e ³ Mestres em Cultura & Turismo (UESC/UFBA). Integrantes do Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais (ICER) -DLA/UESC; marigsousa@hotmail.com; moabebreno@bol.com.br;

⁴ Mestre em Cultura & Turismo (UESC/UFBA); adailsonprofessor@yahoo.com.br

que constituíram e/ou constituem a Região do Cacau, discernindo as transformações culturais e as formas como se sente, pensa e faz a cultura local. Além disso, é necessário elencar os discursos literários e outras vozes presentes na concepção imagética que compõem este universo cultural.

Por fim, cabe esclarecer que o mapeamento identitário da Região Cacaueira não pode ser realizado sem antes se proceder a uma discussão pontual sobre as compreensões teóricas acerca das noções de identidade, região e narrativa cultural. Por conta disso, esse procedimento deve ser efetivado com o objetivo de situar e fundamentar o texto representativo que se pretende compor em torno das feições socioculturais que seriam capazes de identificar o universo *grapiúna*³.

2. DISCUSSÕES TEÓRICAS

Tentar entender uma região e buscar identificar os elementos que a caracterizam e sinalizam sua identidade não é tarefa fácil e requer um estudo detalhado dos seus vários aspectos históricos, socioeconômicos, políticos, artísticos, literários, estéticos, religiosos, das linguagens e significações populares, compreendendo como eles se inter-relacionam e compõem uma dinâmica cultural específica. Contudo, como pontua Bourdieu (2001, p. 112):

A procura dos critérios objetivos de identidade *regional* ou *étnica* não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto, ou o sotaque) são objeto de *representações mentais*, quer dizer, de atos de percepção e de aproximação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetivas em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que em outros podem ter propriedades e dos seus portadores. [grifos do autor]

Nesse sentido, constituir a narrativa identitária de uma região significa traçar um delineamento das características congregadas tanto temporal como culturalmente em um determinado espaço. Tal narrativa deve considerar, portanto, os fatos naturais e instituídos no ambiente, de modo que seja possibilitado o entendimento da atual complexidade da sociedade em formação e dentro desta as complexas relações socioeconômicas que dinamizam sua cultura.

Mas antes de discutirmos os aspectos identitários de uma região, faz-se necessário apresentarmos um consenso acerca do que entendemos por *narrativa*, *região*, *cultura* e *identidade*, considerando que todos estes fatores podem sofrer alterações conceituais ao longo do tempo bem como de acordo com os diferentes estudos que emergem nas diversas narrativas, regiões, culturas e identidades.

A princípio, devemos ponderar que as identidades não são fixas e podem ser consideradas muito mais como processos de transformações formados a partir “das relações pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2003, p.15). Isso significa que todos os fatores da sociedade desde a produção artística, as histórias instituídas ou vividas até as inovações tecno-científicas locais e globais podem alterar profundamente os modos de vida, os modos como os cidadãos de um local se reconhecem bem como o modo como o visitante ou o observante compreende esse local.

Portanto, a identidade se forma a partir da sinergia de aspectos que proporcionam aos indivíduos, os próprios atores sociais, um sentimento de pertença a uma cultura delimitada geográfica e sociologicamente que passa a ser reconhecida em dimensões espaciais e contextuais mais amplas que aquela local. Assim, a identidade de uma região deve espelhar as peculiaridades de sua cultura contemporânea cuja base teórica encontra-se no passado, na sua história e na sua capacidade de adaptação ao novo, como observa Hall (*op cit*, p.39), “ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada”.

Mas é preciso, como sinaliza Benjamin (1987), examinar a história a *contrapelo*, isto é, estudá-la não somente pela lógica dos vencedores, mas também pela lógica dos vencidos, afinal,

por um efeito que caracteriza, de modo próprio, as relações de (mal)reconhecimento e de reconhecimento, os defensores da identidade dominada aceitam, quase sempre tacitamente, por vezes explicitamente, os princípios de identificação de que sua identidade é produto. (BOURDIEU, 2001, p. 110).

Nessa perspectiva, sinalizamos, de acordo com Hall (Op. Cit.), que a idéia de identidade está diretamente associada às representações, à produção de sentidos, aos signos e ícones que se comportam como indicadores culturais. E é a partir desses indicadores que observamos nos cidadãos os sentimentos de pertença e de lealdade ao seu grupo, à sua região.

O estudo sobre uma região, todavia, deve resultar de debates entre cientistas como antropólogos, geógrafos, historiadores, economistas, sociólogos, etnólogos, evidenciando, principalmente, a existência de

³ Termo popularizado por Jorge Amado, em Gabriela cravo e canela (1958), para designar os grandes plantadores de cacau. Etimologicamente, segundo Euclides Neto (1997, p.76), “*Grapiúna* vem do tupi: guirá = gra por aglutinação = pássaro + pi = branco + uma = preto => pássaro preto e branco”. Atualmente, significa os que nascem e/ou estão radicados na Região do Cacau, conforme Matos (1989).

políticas de regionalização e movimentos regionalistas de modo que seja cogitada uma análise da relação entre a lógica da ciência e a lógica da prática. Afinal, uma região constitui-se a partir das práticas comuns entre os habitantes de espaços circunvizinhos. E são tais práticas que vão, culturalmente, definir as fronteiras regionais. De acordo com Bourdieu (Op.cit., p. 113),

A fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá o maior ou menor fundamento na *realidade* segundo os elementos que ela reúne, tenham, entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes (dando-se por entendido que se pode discutir sempre acerca dos limites de variação entre os elementos não idênticos que a taxionomia trata como semelhantes). [grifo do autor]

A própria etimologia da palavra região – do latim *régio* – transmite a idéia de *di-visão*, que consiste em destacar características específicas de determinados espaços geográficos, considerando, evidentemente, as metamorfoses sociais ao longo do tempo. As fronteiras regionais, portanto, mesmo sendo produtos de atos jurídicos de delimitação, são responsáveis pelo estabelecimento das especificidades culturais que permitem a legitimação dos espaços que identificamos como região. Por outro lado, faz-se necessário ressaltar que as fronteiras são espaços de fluxos de informações, e comportam-se como locais onde ocorrem as trocas culturais, responsáveis pela emergência das novas práticas sociais, que, por sua vez, delimitam novas configurações culturais e, conseqüentemente, nova identidade regional.

Desse modo, o texto identificador de uma região, que denominamos *narrativa identitária*, tem sua complexidade envolta da eleição, do reconhecimento e da análise dos elementos necessários à sua construção. Tanto os aspectos instituídos como os aspectos das expressões do cotidiano popular bem como as influências externas promovem a dinâmica regional, constituindo as suas peculiaridades. A memória histórica, as lutas regionais, os movimentos populares, as reivindicações públicas, os sistemas de dominação, as manifestações artísticas e estéticas, as tradições, as credences, as características ambientais, os costumes sociais, os conflitos de classe, a organização urbana (e mesmo a desorganização), os ciclos econômicos e as técnicas operacionais são elementos imprescindíveis na elaboração de uma narrativa identitária. Esses, entre outros aspectos, ao se correlacionarem, permitem a legitimação de um espaço e a percepção da continuidade (ou não) entre o seu passado e futuro.

Contudo, não estamos desenvolvendo um formato padrão de uma narrativa identitária. Como observa Ortiz (1999, p. 50), “a categoria espaço [leia-se, região] é dessa forma preenchida das mais diferentes maneiras; tudo depende do conjunto das forças sociais às quais ela se refere”. Nesse sentido, cada local, cidade ou região exige uma constituição textual peculiar, afinal, um único aspecto pode ter maior evidência na dinâmica de um local que na dinâmica de um outro.

3. INDICADORES HISTÓRICOS

Na investigação sobre os elementos identitários da Região Cacaueira Sul-baiana, devemos ter em mente que os dados precisam ser reunidos, inicialmente num intuito exploratório, a partir da abundante produção bibliográfica existente acerca da história das “Terras do Cacau”. Esses textos proverão a pesquisa do *corpus* elementar para a identificação dos indicadores históricos do universo grapiúna.

Ainda numa perspectiva exploratória, essa investigação deve considerar os documentos disponíveis no Centro de Documentação da Universidade Estadual de Santa Cruz – CEDOC –, nos museus, nos arquivos públicos dos municípios grapiúnas, em periódicos locais e/ou regionais. Das fontes disponíveis, há algumas de cunho científico, das quais se destacam os guias culturais da Bahia, o material disponível na internet, as obras de Antônio Fernando Guerreiro de Freitas (2001), de José Carlos Vinhães (2001), de Maria Palma Andrade (2003), J. D. Andrade (1968), P. T. Alvin e M. Rosário (1972), de A. Brandão M. e Rosário (1970), de E. B. Castro (1981), dentre muitos outros.

Há uma gama muito grande de textos acerca da história grapiúna e do cacau. Sabemos, entretanto, que muitas fontes acerca do contexto histórico dessa região se perderam ou se encontram em posse de antigos moradores e do comércio de impressos usados. Nesse sentido, alguns dados necessitariam ser reunidos junto à sociedade. Não se pode negligenciar, também, a necessidade de se realizar entrevistas com o objetivo de levantar dados sobre as transformações históricas pelas quais teriam passado a Região do Cacau, analisando as repercussões mais diretas dessas mudanças e da própria dinâmica cultural desse universo.

Dos indícios históricos mais expressivos da referida região, as questões de ordem social parecem merecer atenção prioritária. Nesse sentido, alguns historiadores sinalizam que um dos aspectos mais intrigantes do passado dessa região é uma certa rejeição à capital baiana e recôncavo, entendidos pelos, então, grapiúnas como Bahia. Muitos estudos conjecturam que esse fenômeno pode ser explicado pelo fato de o Estado haver retirado, durante um longo período, dois terços da receita de exportação do cacau e não devolver para a região. No entanto, essa compreensão parece muito simplista para explicar a construção cultural dessa recusa.

A repulsa à Bahia e o orgulho grapiúna representam aspectos elementares para o entendimento sobre a construção e a configuração identitária da Região Cacaueira Sul-baiana. Esses sentimentos, inclusive, podem ser evidenciados de forma contundente, sobretudo nos movimentos separatistas que tiveram suas expressões máximas entre as décadas de 50 e 80. Muitos grupos políticos se envolveram nesse intento, mas não lograram êxito na criação do “Estado de Santa Cruz”, apesar de contar com o apoio de parte significativa da população grapiúna.

No que se refere ao componente étnico, podemos asseverar que o índio, dizimado, e o negro, escravizado na implantação da cacauicultura, geralmente, são omitidos pelas narrativas oficiais. Percebemos uma certa repulsa histórica às experiências culturais afro-descendentes, principalmente àquelas de cunho religioso. Embora haja indícios da prática escravista, esse processo não recebe destaque nos relatos históricos nem no imaginário acerca das atividades produtoras, e na configuração da sociedade grapiúna. Sem dúvida, essas observações devem ser consideradas importantes aspectos distintivos da região por indicar acentuado afastamento do hegemônico texto da “baianidade”.

Além da figura do português, que recebe pouca ênfase histórica ou social, os povos árabes são destacados na constituição da sociedade do cacau. Se na produção do cacau a presença do “coronel” recebe destaque, os sírios-libaneses surgem como ícones do comércio grapiúna. De certo modo, a composição cultural regional pode ser entendida na conjugação indígena, portuguesa, árabe e africana.

A configuração econômica das “Terras do Cacau” é um outro aspecto de extrema relevância na representação desse território. Com a implantação da monocultura cacaueira entre 1890 e 1940, a lavoura e o comércio se confundem com a produção cultural dessa região. A monocultura do cacau se entrelaça à conformação da cultura grapiúna. O cacau, seus altos e baixos, sua ascensão e decadência, é o sujeito principal das narrativas dessa região. Essa constatação, além de historicamente percebida, também se faz evidente na observação da elocução de outras vozes, como na produção literária local.

4. INDICADORES LITERÁRIOS

De acordo com Mattos (1989), o “patrimônio espiritual da cultura grapiúna” passou a ter uma ressonância merecida a partir de uma literatura específica que a inseriu em um espaço fundamental das letras brasileiras.

Região de cultura própria, híbrida em virtude da intersecção dos múltiplos costumes, tradições, credences e superstições herdadas pela diversidade dos aportes populacionais que a constituíram, da qual surgem figuras lendárias como os destemidos coronéis do cacau, os temerários jagunços, os mercadores sírio-libaneses, as mulheres extremante sensuais, a exemplo de *Gabriela*, bem como os trabalhadores rurais que contribuíram para a formação de uma cultura típica engendrada pela lavoura cacaueira. Tais figuras representativas, que ainda prevalecem no imaginário da produção literária regional, foram popularizadas em todo o mundo através das obras de Jorge Amado e Adonias Filho.

No entanto, é necessário observar que apesar dos mencionados autores utilizarem a zona cacaueira baiana como cenário de criação ficcional e se utilizarem da memória como matéria prima em seus respectivos processos de criação, a perspectiva do olhar e as estratégias discursivas de ambos são bem distintas.

Jorge Amado expressa-se como o grande contador de histórias e, por isso mesmo, “soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande êxito junto ao público” (BOSI, 1994, p. 406). Mais do que isso, embora a literatura amadiana tenha sido, no passado, duramente criticada do ponto de vista do discurso, é hoje extremamente valorizada a partir da perspectiva antropológica.

Quanto a Adonias Filho sempre foi considerado pela crítica como um escritor de invulgar capacidade psicológica. Seu discurso sempre foi bastante elogiado pela crítica. Numa perspectiva ontológica, o autor enfatiza os humanos universais, como o comportamento do homem primitivo da região cacaueira ante a complexidade de sua própria natureza (embrutecida) sob a ação do meio ambiente, a cisão homem-mundo, o que determina a sina (na maioria das vezes trágica) de seus personagens.

Desse modo, pode-se afirmar que a literatura, enquanto expressão artística comunicadora, transmite conhecimentos e a cultura de uma localidade, pois está vinculada à sociedade que a originou, principalmente no caso das narrativas de fundação promovida pelos mencionados autores, afinal, como sinaliza Voisin (1998, p.85), “O que poderia revelar mais um povo do que a sua literatura?”

Nesse sentido, convém ressaltar que o escritor é, antes de tudo, um ser sócio-histórico-cultural que recria a realidade a partir de suas vivências pessoais, seja através de experiências concretas ou imaginadas. O que equivale dizer que o fazer ficcional não tem compromisso com uma verdade factual, pois se trata de uma invenção que, no entanto, pode conter resquícios documentais. Por outro lado, pode-se afirmar que a História é também uma invenção, uma vez que seus discursos, anteriormente considerados instituídos de verdade absoluta, têm sofrido consideráveis reformulações recorrentes a partir dos discursos desconstrucionistas da

contemporaneidade. Nessa perspectiva, a interação entre a Literatura, a História e o contexto sociocultural é fundamental porque possibilita uma visão mais alargada do objeto a ser investigado: a construção de uma narrativa identitária da Região do Cacau Sul-baiana.

Assim sendo, a densidade e a qualidade da produção artístico-cultural da região, com ênfase em sua Literatura, constitui-se, por sua singularidade, num fato incontestável. Representada por grandes romancistas como os já citados Jorge Amado e Adonias Filho, fazem parte desse elenco os ficcionistas Cyro de Mattos, Euclides Neto, Hélio Pólvora, Jorge Araújo, Ruy Póvoas, Marcos Santarrita, e os poetas consagrados como Sosígenes Costa, Telmo Padilha, Valdelice Pinheiro, Firmino Rocha, Minelvino Francisco Silva, dentre tantos outros. Destacam-se ainda os autores inéditos e emergentes cujas obras garantem o constante incremento literário regional. Tal efervescência encontra-se ainda, em sua maior parte, intimamente relacionada à cultura do cacau.

O cacau, por determinar a estrutura social, política e econômica da região, engendrou normas de convivências e identidades que caracterizam e asseguram uma conformação cultural regional bastante diferenciada, o que justifica aquilo que Adonias Filho (1976) denomina *Civilização Grapiúna*, em virtude dessa região apresentar traços culturais próprios e inconfundíveis. Conforme preconiza Hall (1999, p. 49), “não apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*” [grifos nossos].

De acordo com Mattos (1989, p. 154) “Os bens materiais produzidos pela lavoura cacauzeira sempre assumiram uma tendência suprema na vida do homem grapiúna, fonte geradora de progresso, poder, sistemas [representativos], padrões, modo de exercer a vida”. Daí, o cacau despontar por muito tempo como o principal referente do imaginário regional na produção literária, sobrepujando, inclusive, a crise da lavoura que se inicia a partir do final dos anos 80.

Assim, a proposta desse estudo visa a identificar uma arte literária regional que faz referência aos aspectos identitários regionais, capaz de diferenciar-se e, ao mesmo tempo, inserir-se no contexto da Literatura Brasileira.

De uma forma geral, as narrativas que constituem o *ciclo do cacau*, do ponto de vista de Jorge Amado e Adonias Filho, articulam referências identitárias que enlevam a região a um patamar supraideológico, ao legitimar a história oficial, hegemônica, uma vez que consolidam o poder de mando dos coronéis e até justificam, de forma mitificada, seus atos de violência e abusos de autoridade. Na verdade, o comando dos coronéis das “Terras do Cacau” foi adquirido através de muitas lutas sangrentas. A saga se resume na expulsão e matança dos índios e dos negros escravos que trabalhavam nos canaviais, na derrubada da Mata Atlântica para a implantação da lavoura cacauzeira, na hibridação de grupos étnicos e credos diferentes que resultou na formação do povo grapiúna⁴. A figura do imigrante *desbravador* (os colonizadores portugueses e, mais tarde, os sergipanos) surge hierarquicamente como elemento civilizador.

Conforme Adonias Filho (1976, p.43) “antes que se tornasse de fato o coronel, [o desbravador] penetrou e explorou a terra com os próprios braços. Fazia, não mandava fazer ou, quando mandava fazer, também fazia”. Tal discurso, artificioso, provindo de um texto ensaístico de Adonias, à priori, não-literário, causa certo desconforto, pois parece justificar a posse ilícita das terras grapiúnas ao considerar meritória a luta de seus desbravadores, tornando a história dos coronéis do cacau comparável ao dos “destemidos bandeirantes”, tidos como heróis, apesar das carnificinas que promoveram.

Com o objetivo de oferecer dados biobibliográficos e contribuir para o mapeamento identitário da Região do Cacau Sul-baiana podemos elencar os seguintes autores e suas respectivas obras, com ênfase maior em Jorge Amado e Adonias Filho, os principais divulgadores desse imaginário.

4.1. Ficcionalistas

4.1.1. Jorge Amado – (1912 –2001). Jornalista, romancista e memorialista, nasceu na Fazenda Auricídia, em Ferradas, município de Itabuna, BA. Filho do Cel. João Amado de Faria (fazendeiro desbravador, pioneiro do cacau) e de D. Eulália Leal Amado (filha de desbravadores de terras). A Região Sul da Bahia é o cenário de grande parte da obra de Jorge Amado. Em **O Menino Grapiúna** (1996, p. 12) Jorge escreveu,

desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas [...] plantara cacau, a riqueza do mundo.[...] A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincas políticas, nos encontros de jagunços [...] negociavam-se animais, armas e a vida humana.

⁴ A concepção tomada é a de “grupo de indivíduos organizados institucionalmente, que obedece a normas, regras e leis comuns” (vide Chauí, 2001, p. 15).

O imaginário do autor se prende, em grande parte, às terras do cacau onde viveu sua infância. Portanto, a *vivência* se tornou *experiência* (GUMBRECHT, 1979) nas obras que correspondem, nesse caso, ao “Ciclo do Cacau”. Em tons superlativos, Jorge escreveu: **Cacau** (1933), onde denuncia as injustiças sociais, a prepotência dos coronéis e servidão dos trabalhadores; **Terras do Sem Fim** (1942) - aborda a conquista feudal, a disputa desumana de terras; **São Jorge dos Ilhéus** (1944) – sobre a conquista imperialista dos exportadores e a conseqüente queda dos coronéis; **Gabriela, cravo e canela** (1958) – descreve o período de maior riqueza e progresso da região nos anos 20; e, mais recentemente, **Tocaia Grande, a face obscura** (1983), onde reescreveu a saga do Cacau da perspectiva dos injustiçados, conta o não-dito da história oficial, numa tentativa de escrever a versão dos mais fracos. Aborda, também nesse livro, a hibridação das raças e credos diferentes oriundos dos negros, árabes e dos sergipanos que resultou na re-configuração do povo grapiúna.

4.1.2. Adonias Filho (1915 – 1990). Jornalista, crítico literário, ensaísta e romancista, nasceu na Fazenda São João, no município de Itajuípe, BA, faz parte do grupo de escritores da chamada geração de 45, também denominada de 3ª fase do Modernismo que se caracterizou por um retrocesso em relação às conquistas de 1922, ou seja, uma volta ao passado com a valorização formal, a busca do vocabulário erudito, e de referências mitológicas, o que justifica o seu fazer literário.

Criador de um mundo trágico e bárbaro, os romances que compõem o ciclo do cacau são: **Servos da Morte** (1946), **Memórias de Lázaro** (1952) e **Corpo Vivo** (1962). Com base em raízes históricas, publicou **Sul da Bahia: Chão de Cacau** (1976), importante ensaio sociocultural onde analisa, documentalmente, mais de um século e meio de estruturação social, examinando todas as contribuições culturais que acabaram por definir a “Civilização Baiana do Cacau”.

4. 1.3. Cyro de Matos

Itabunense, nascido em 1939, Cyro de Matos, além de escritor é advogado e jornalista. Seu trabalho, que transita entre a prosa e a poesia vem conquistando diversos prêmios literários. Principais obras: **Os Brabos** (1970), **O Feito do Fruto** (1997). Dentre os livros de poesias publicou: **Cantiga Grapiúna** (1981), **No Lado Azul da Canção** (1985), **Lavrador Inventivo** (1985), **Vinte Poemas do Rio** (1985), **Viagrária** (1988), **A Casa Verde** (1988), e **Cancioneiro do Cacau** (1997), no qual o escritor recria a saga do cacau com os seus mistérios, desde as sua origem até os nossos dias.

4.1.4. Euclides Neto (1925 –2000)

Nascido em Ubaíra, BA, era advogado, romancista, contista e ensaísta, pesquisador da cultura grapiúna. Principais obras: **Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores** (1997), no qual o autor inventariou termos usados pelos lavradores do cacau onde busca preservar a fala de vozes anônimas. De acordo com Simões (1998, p. 127) “constitui-se em expressão do imaginário de uma região. É precioso resgate e memória de uma cultura em transformação”; e **O Tempo é Chegado** (2001). Seus escritos estão, em sua maioria, ligados aos temas das Terras do Cacau, proporcionando, desse modo, preservar a cultura local.

4.1.4. Hélio Pólvora

Itabunense, nascido em 1928, é jornalista, ensaísta, crítico literário, ficcionista e tradutor. Seu ficcionismo é de linha psicológica com tendência para o fantástico. Principais obras: **Os Galos da Aurora** (1950), **Estranhos e Assustados** (1966), **Noites Vivas** (1971), **Massacre no Km 13** (1978), **O Grito da Perdiz** (1982), **Mar de Azov** (1986) e **Xerazade** (1990).

4.1.5. Jorge Araújo

Natural de Baixa Grande, BA, em 1947, é professor universitário, ensaísta e crítico literário, poeta. Autor de **Os Becos do Homem** (1982), **Auto do Descobrimento: o romanceiro de vagas descobertas** (1997), no qual “ultrapassando o ficcional no seu sentido *lato*, buscando o identitário e a memória cultural” (SIMÕES, 1998, P 126)

4.1.6. Ruy Póvoas

Ilheense, nascido em 1943, é professor da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, autor de **Itan dos Mais Velhos** (1996), livro de contos mitológicos africanos narrados por quatro velhos que contam suas histórias. Considerado como “literatura das minorias dentro da temática do negro.” (SIMÕES, 1998, p. 126); A

Linguagem do Candomblé (estudo sócio-lingüístico) e **A fala do Santo** (2002) que reúne *itans*, histórias que se atualizam no momento de contar, utilizadas pelos africanos que vieram para o Brasil e que trazem ensinamentos de princípios éticos e morais os quais foram se misturando à narrativa dos vários participantes do processo de colonização do país.

4.2. Poetas

4.2.1. Telmo Padilha

Nascido em Itabuna, BA, (1930 – 1997), foi jornalista, poeta de maior produção dentre os poetas da Região do Cacau. Com livros traduzidos em diversas línguas e premiados nacionalmente. Sua poesia é de cunho existencial onde traduz o seu desencanto com a vida e com os homens. É autor de **Onde Tombam os pássaros** (1974), **O Rio** (1977), **Vôo Absoluto** (1977) dentre outros.

4.2.2. Sosígenes Costa

Nascido em Belmonte, BA, (1901-1968), poeta e também cronista, de vocabulário requintado que o aproxima dos parnasianos, tornou-se conhecido através de seus sonetos crepusculares de inspiração em paisagens de Belmonte, é autor de **Iararana**, escrito por volta de 1933, é um longo poema narrativo consagrado ao cacau, onde Sosígenes cria um mito de origem do cacau do Sul da Bahia.

4.2.3. Valdelice Pinheiro

Nascida em Itabuna, BA, (1929 - 1993), além de poetisa, era filósofa e professora da UESC. É autora de **De Dentro de Mim** (1961), **Ser e Evolução** (1973; ensaio filosófico) e **Pacto** (1977), e **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro** (2002). Sua poesia é de cunho filosófico-existencial, telúrica, voltada principalmente para a questão de equilíbrio entre o homem e a natureza.

4.2.4. Firmino Rocha

Nasceu em Itabuna, BA, (1910 – 1971), expressão telúrica de sua terra natal, o boêmio e sonhador Firmino Rocha era um poeta de linguagem simples, espontânea, mas profunda de sentimento e do mistério do viver, sua poesia fala na busca da relação perfeita do homem com o mundo em que vive. Lírico e místico, escreveu **O Canto do Dia Novo** e **Momentos**. Seu poema mais conhecido **Deram um Fuzil ao Menino**, que se encontra hoje gravado em placa de bronze, na sede da ONU.

4.2.5. Minelvino Francisco Silva

Nasceu na Fazenda Olhos D'Água, município de Mundo Novo, BA, (1924 – 1999), mas veio para Itabuna ainda jovem onde residiu por muitos anos. Poeta popular, cordelista de grande talento criativo, criava suas próprias ilustrações para os livretos com xilogravuras de sua autoria. Criou, imprimiu e publicou cerca de 1000 livros ao longo da sua vida, dos quais: **João acaba mundo e a serpente encantada**, **O gigante quebra osso**, **Maninha e a machadinha**, e **A Mulher de Sete Metros que apareceu em Itabuna**, dentre tantos outros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de identidade enquanto algo dinâmico e complexo, que se encontra em constante formação e transformação de acordo com as formas pelas quais nos são representadas e interpretadas em nossos sistemas culturais, impõe a necessidade de se pensar em um texto identitário de uma região que apresenta características distintas e que se destaca do próprio estado da Bahia, de modo que sua dinâmica contemporânea possa ser entendida a partir de elementos de suas conjunturas passadas.

O conhecimento acerca da história, englobando os processos políticos, econômicos e sociais, e ainda, o conhecimento acerca das manifestações artísticas, religiosas e estéticas de uma localidade podem interferir na desmistificação de alguns aspectos historicamente instituídos pela lógica dos vencedores, a exemplo da negação

do trabalho escravo na lavoura cacaujeira e as sangrentas lutas pelas posses das terras, que muitas vezes aparecem em algumas narrativas, históricas e literárias, como atos heróicos de seus desbravadores.

A tentativa de empreender uma síntese contextualizada da Região Cacaueira Sul-baiana pode contribuir para o entendimento do imaginário local enquanto *atos* intencionais do *fingir* no jogo interativo entre o *fictício* e a realidade (ISER, 1996) que, por sua vez, propiciam a concretização dos discursos históricos e literários, dentre outros. Pode contribuir também para a re-formulação do real, para a compreensão mais alargada dos processos históricos e socioculturais, visando a busca de soluções práticas para os problemas de ordem políticas e econômicas da atualidade.

Dessa forma, entendemos que os elementos preponderantes na edificação do texto de uma região, cuja maior expressão é a lavoura do cacau, podem não ser tão evidentes quanto nos parece nesse momento, pois as narrativas identitárias sofrem variações de acordo com o local e também com o tempo. Assim sendo, ressaltamos, por fim, que as narrativas identitárias estão sempre em processo de construção.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR FILHO, Adonias. **Sul da Bahia: Chão de Cacau – Uma Civilização Regional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976
- ALVIN, P. T. e ROSÁRIO M. **Cacau ontem e hoje**. Ilhéus: CEPLAC, 1972.
- ANDRADE, Maria Palma. **Ilhéus: passado e presente**. 2. ed., Ilhéus: Editus, 2003.
- ANDRADE, J. D. **Documentário histórico ilustrado de Itabuna**. Itabuna: Gráfica, 1968.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1994
- BRANDÃO A. e ROSÁRIO M. **Estórias da história de Ilhéus**. Ilhéus: SBS, 1970.
- BRASIL, Assis. **Adonias Filho**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.
- CASTRO, E. B. **Formação econômica e social de Ilhéus**. Ilhéus: Prefeitura Municipal, 1981.
- CHAUÍ, M. Com fé e orgulho. In **Brasil – mito fundador e sociedade autoritária**, 2001, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, pp. 5-29
- FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de (org.). **Sá Barreto**. Ilhéus: Editus, 2001. (Serie Preservação da Memória Regional: Testemunhos para a História).
- VINHÁES, José Carlos. **São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao fim do século XX**. Ilhéus: Editus, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação** – elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: O poder simbólico. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Sobre os Interesses Cognitivos, Terminologia Básica e Métodos de uma Ciência da Literatura Fundada na Teoria da Ação. In: LIMA, Luiz Costa (Ed) **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.p. 174-186
- HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro/RJ: DP&A, 2003.
- Hall, Stuart. **Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite**. In: Da diáspora. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- ISER, Wolfgang. **O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Trad. de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1996, 368 P.
- MATOS, Cyro. Cultura Grapiúna. In: **Revista FESPI**, Ilhéus-BA, Ano VI, nº 10, jul-87/dez-88, 1989, p 153-155.3,
- NETO, Euclides. **Dicionário das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: Editus, 1997, p. 127
- ORTIZ, Renato. **Um outro território. Ensaio sobre a mundialização**. Rio de Janeiro: Olho d'Água, 1999.
- SANTOS, J.R. O negro como lugar. In CHOR MAIO, M e SANTOS, R.V (Org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, pp 219-223
- SIMÕES, M. L. N. A Literatura da Região Cacaueira Baiana: questões identitárias. **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**. Ilhéus: Editus, 1998. p.119- 127.
- _____. **Caminhos da Ficção**. Salvador, 1996.